



Irmã Françoise Petit

Relatório dos seis anos e implicações para a Companhia, hoje

Prezado Padre Tomaž, prezado Padre Bernard, queridas Irmãs

Ontem, a Assembleia foi declarada oficialmente aberta pelo Padre Tomaž que nos transmitiu, uma mensagem de confiança e nos convidou a permanecer com fé e na escuta ao Espírito durante todas estas semanas tão importantes para a Companhia. Muito obrigada, Padre Tomaž.

Agradeço ao Padre Bernard por sua constante presença junto ao Conselho geral e por sua relação fraterna com as Filhas da Caridade. Certamente, era isto que desejavam São Vicente e Santa Luísa.

Agradeço à Irmã Evelyne por sua presença em nosso meio e por sempre permanecer tão atenta à vida da Companhia, próxima das Províncias e de cada uma de nós através da oração.

Hoje, vou apresentar-lhes um relatório dos seis últimos anos. Porém, antes de entrar no assunto propriamente dito, gostaria de dizer algumas palavras sobre a composição da nossa Assembleia.

Como todas sabem, *“O número de delegadas deve ser ao menos igual ao dos membros de ofício. Quando o número de delegadas é inferior ao dos membros de ofício, a Superiora geral com seu Conselho, determina um método para completar o número requerido”* (C. 87c).

Foi o que fizemos durante o nosso Conselho especial em setembro de 2019. Sendo o número de membros de ofício de 62 e o número de delegadas 57, foi preciso escolher um método para designar cinco delegadas suplementares. Após reflexão e estudo, o Conselho geral decidiu pedir uma delegada suplementar:

- À Região da Albânia, única Região da Companhia,
- À Província St. Louise de Marillac-Asia, em razão da sua reconfiguração recente com a Província da Tailândia e do número elevado de países (9) que compõem a Província,

- À Província Rosalie Rendu, devido à reconfiguração da Província da Grã-Bretanha com a Província da Austrália.
- À Província de Madagascar, Província do continente africano, que conta com o maior número de Irmãs,
- À Província da Índia do Norte, Província do continente asiático com menos de 500 Irmãs, mas, que conta com o maior número de Irmãs (do continente).

Informo ainda que a média de idade dos 124 membros previstos para a Assembleia geral é ligeiramente superior a 59 anos e que, dos 124 membros, 71 deles, ou seja, 57% nunca participaram de uma Assembleia geral.

Porém, as circunstâncias relacionadas ao covid-19 modificaram a nossa organização e de certa forma o rosto da nossa Assembleia geral, que finalmente conta com 116 membros presentes.

Além destes números, tenhamos em mente que estamos aqui para representar toda a Companhia, para ser a voz de cada Filha da Caridade, qualquer que seja o país ou a Província onde ela esteja ao serviço de Cristo em nossos irmãos e irmãs mais pobres. É vital perceber cada vez mais como a nossa diversidade é uma vantagem para o futuro e que o enriquecimento é mútuo. Estejamos abertas para que o nosso pensamento e reflexão seja o mais amplo possível.

A própria Igreja iniciou um percurso sinodal e, por isso, podemos dar graças. Reconheçamos humildemente a graça que temos, pois, a Companhia nos oferece os meios para seguir este percurso sinodal, todas as vezes que preparamos uma Assembleia geral: o encontro interassembleias das Visitadoras para propor um tema de reflexão para toda a Companhia, as Assembleias domésticas e provinciais, a consideração das proposições durante a Assembleia geral e as orientações que serão concretizadas nas Províncias, em função dos contextos particulares, através dos Projetos comunitários e provinciais que permitem a todas se expressarem em vista do bem comum.

Contudo, a sinodalidade não é uma questão de organização, ela é sobretudo, para cada uma de nós, um estado de espírito a ser mantido e o tema “Ephata” entra totalmente neste elã: escuta mútua, abertura do coração e da mente, desejar descobrir e compreender outras realidades, abdicar às vezes da nossa opinião, vontade de agir em favor de toda a Companhia.

Somos convidadas a viver desde agora neste clima que poderá dar credibilidade a tudo o que será depois transmitido às Províncias. A Assembleia geral é este momento privilegiado para avançarmos e servirmos juntas a Cristo nos nossos irmãos e irmãs.

.

1 A vida da Companhia desde 2015

Para começar, direi algumas palavras sobre o acontecimento que nos entristeceu a todas. Posso falar dos dezesseis meses de enfermidade da Irmã Kathleen, seguidos do seu falecimento. Naturalmente, de minha parte, pensei em começar com ela, que deveria estar aqui, hoje. Para todas nós, este foi um acontecimento muito difícil. Felizmente, posso dizer que nós o vivemos juntas, quando eu digo nós, quero dizer todas as Filhas da Caridade do mundo, distantes, porém, em comunhão. Dentro do Conselho geral, nós o percebemos assim, e isto foi um verdadeiro alento; embora estivéssemos cheias de questionamentos, pois, o cotidiano não era nada fácil, no final, o sofrimento era bem real e intenso. Hoje, à noite, celebraremos na fé a sua partida, assim, como a de todas que nos deixaram desde 2015, particularmente aquelas que faleceram em consequência da pandemia.

Pensamos em lhes oferecer este momento como um ato de ação de graças pelo que elas foram e pela missão que cada uma realizou até o fim de sua vida: missão aos pobres, missão ao serviço da Companhia, missão de presença. Rezaremos com fé e esperança, com as Filhas da Caridade do mundo inteiro, visto que esta celebração será transmitida ao vivo pelo site da Companhia.

Agora, vejamos o que aconteceu desde a última Assembleia geral.

- A.** Algumas realidades da Companhia
- B.** Os compromissos missionários nas Províncias
- C.** A formação
- D.** Alguns acontecimentos marcantes

Estes quatro pontos que, assim espero, devem lhes permitir ter uma visão global da vida da Companhia.



Algumas realidades da Companhia (4)

MOVIMENTOS

Números

As estatísticas não contam toda a história, mas são indispensáveis para refletir de forma realista sobre o presente e possivelmente ver sinais para o futuro da Companhia.

Número total: se observarem a curva, a constatação é clara. Para compreender melhor, olhemos a partir de 2009 quando éramos um total de 18 832 Irmãs, em 2015: 15 591 e, em 2020: 12 855. A diminuição é constante e relativamente regular. As explicações para o declínio são simples: o número de mortes é grande e continua aumentando, particularmente na Europa e América do Norte. A isto deve ser acrescentado o decréscimo relativo do número de entradas. Passamos de 118 entradas em 2009 para 83 em 2015 e 91 em 2020.

Talvez seja um pouco arriscado projetarmo-nos, mas, provavelmente possamos prever que na próxima Assembleia seremos cerca de 10.000 Irmãs, ou até um pouco menos.

Não basta estudar globalmente. Vejamos, agora a evolução do número das Irmãs por continentes. Pouco a pouco, três curvas irão convergir: a da Europa, da América do Sul e da Ásia. O que fará a diferença é a média de idade. Se olharmos para este parâmetro desde 2009, notamos que ele muda entre cerca de 1 a 2 anos a cada 6 anos. Na Europa, a média atual é de 77 anos (+ 1,5 anos), na América do Sul atualmente quase 68 anos (+ 1,5 anos) e na Ásia 55,5 anos (+ 1 ano).

Entradas na Companhia:

Na Ásia, houve uma média de 33 admissões por ano entre 2015-2020, o que representa cerca de 36% das admissões em toda a Companhia (uma média de 90 entradas por ano, durante o mesmo período). Este número de 33 Irmãs representa 1,87% do total do número atual das Irmãs na Ásia.

Depois, podemos ver a curva azul, a da África. A média de idade é de 49,2 anos. A progressão em números parece lenta, mas é exponencial. De fato, são aproximadamente 25 Irmãs em média que entram todos os anos, portanto 27,7% do total da Companhia, mas acima de tudo este número representa 2,5% do número total atual na África. A curva deve, portanto, mudar e juntar-se às outras curvas.

Se fizermos uma comparação, na América do Sul entram em média 21 Irmãs por ano, o que representa 0,70% do número total, América do Norte 0,42% e Europa 0,15%.

Isto não é surpreendente, embora a questão vocacional continue a ser um mistério. Quem sabe na Europa e na América do Norte, poderemos ser surpreendidas! O Senhor está sempre chamando.

Em todo caso, estes números e percentagens mostram que a fisionomia da Companhia dentro de seis anos será bastante diferente: menos Irmãs no âmbito global, menos na Europa e na América do Norte, uma diminuição, porém, menos intensa na América do Sul e Ásia, e mais Irmãs na África. Qual será a média de idade? É possível que diminua, uma vez que temos atualmente 13% de Irmãs com mais de 90 anos (72% das quais estão na Europa, elas somam 1 212 das 1 688 Irmãs).

Termino esta seção com uma sugestão: em vez de considerar a diminuição global do nosso número como uma queda implacável para "um menos", vejam-na como uma oportunidade a ser aproveitada para viver uma maior proximidade, de forma flexível e com simplicidade. Isto poderia ser um apelo para converter o nosso olhar sobre a realidade, convictas de que nela Cristo nos espera. Esta é a esperança.

As saídas da Companhia

As saídas que evocaremos agora, embora sempre dolorosas, são secundárias. Contudo, é importante refletir sobre esta questão porque todas as Províncias são afetadas.

No Conselho, estudamos o que estava acontecendo na Companhia com base nos números e analisamos de perto as razões do abandono. Temos de admitir que algumas delas são inevitáveis e mesmo, por vezes preferíveis, mas as Províncias se questionam. Quais são os pontos fracos que não foram percebidos e que se tornam pontos de ruptura na caminhada de algumas Irmãs?

Em termos de números, constatamos que globalmente, desde 2003 há menos saídas, em números absolutos, por ano, o que é normal, uma vez que o número total de Filhas de Caridade diminui. Entre 2009 e 2014, havia uma média de 88 Irmãs por ano que deixavam a Companhia e 65 Irmãs entre 2015 e 2020. Em 2020, foram 57.

Por continente, vemos que as situações são diferentes. Em contraste com as entradas, podemos ver que a percentagem de saídas é mais elevada na África do que na Europa. Estes são os dois extremos: 0,2% na Europa e 1,1% na África. Isto é lógico, uma vez que a maioria das saídas estão na faixa etária dos 30 aos 60 anos e não a partir dos 80 anos de idade!

A percentagem de saídas em relação ao número total de Irmãs é estável e até ligeiramente decrescente (cerca de 0,47%). Na Companhia não podemos, portanto, falar de uma "hemorragia" (termo utilizado no documento *"o dom da fidelidade, a alegria da perseverança"*), mas, sim de um fenómeno constante que é necessário encarar com lucidez, porém, sem medo.

Como evocar a dimensão da fidelidade e da perseverança no contexto atual? É necessário

rever as etapas de formação? Em momentos difíceis, como fortalecer a vida fraterna como lugar de formação, crescimento e apoio mútuo?

AS RECONFIGURAÇÕES DAS PROVÍNCIAS

Desde 2015, aconteceram 8 reconfigurações. Por ordem cronológica: Bélgica-França-Suíça, Espanha-Sur com a África do Norte, Santa Luísa de Marillac - Ásia, Espanha-Norte, Espanha-Este, San Vincenzo-Italia (com a Província de Nápoles), uma segunda vez Santa Luísa de Marillac-Ásia (com a Tailândia, composta por 9 países), Rosalie Rendu (Grã-Bretanha com a Austrália).

Que avaliação podemos fazer destas novas organizações? As Irmãs destas Províncias poderiam dizê-lo melhor do que eu, porém, elas expressaram em várias ocasiões e, resumidamente, ouvimos o seguinte:

As consequências positivas:

- ◊ Menos Irmãs estão mobilizadas para os serviços administrativos de governo: menos Ecônomas, menos Secretárias. Elas foram liberadas para responder aos apelos missionários. Podemos nos alegrar com isto, visto que este é um dos objetivos das reconfigurações.
- ◊ A riqueza da diversidade é uma realidade que as Irmãs descobrem na prática e que gradualmente, torna-se uma alavanca para abrir as mentes e por vezes desestabilizar os costumes. É preciso tempo para aprender a se conhecer. Constatamos os esforços das Visitadoras com os seus Conselhos para elaborar e multiplicar as reuniões por região, por tema, por compromisso missionário... Não existe idade para se abrir ao novo, as Irmãs idosas estão interessadas e muitas vezes motivadas por todas estas propostas.
- ◊ Quando existem vários países numa nova Província, as Irmãs que aceitam atravessar uma fronteira, reconhecem, após o inevitável período de adaptação, que elas foram fortalecidas humana e espiritualmente na sua vocação. A sua perspectiva foi ampliada em benefício do seu dinamismo. Por vezes, até se arrependem de não o terem experimentado antes. A sua disponibilidade é um testemunho e dá um novo elã às Províncias.
- ◊ Algumas reconfigurações tiveram o efeito de provocar uma nova reflexão sobre as prioridades missionárias e insuflaram nova vida nas Províncias.

Las consequências mais difíceis de administrar:

- ◊ Os entraves da mudança e a falta de disponibilidade de algumas Irmãs podem se tornar pesados numa Província e esmorecer a audácia missionária. É necessário

reconhecer este aspecto que necessita realmente trabalhar em Ephata, sobretudo, pessoalmente: deixar-se transformar e que esta transformação se traduza em confiança e disponibilidade.

- ◊ É evidente que a questão da distância é frequentemente expressada pelas Irmãs após um reagrupamento e, em particular, quando a Província é composta por vários países como, por vezes, restrições administrativas de deslocamento de um país para outro. A distância é vista como um obstáculo à proximidade com a Visitadora. Ela tem também um custo financeiro. Não se trata de negar estas realidades, mas é também necessário considerar que as Províncias que não estão reconfiguradas, que são constituídas apenas por um país, experimentam algumas das mesmas realidades. Alguns exemplos: Madagáscar, Índia do Norte ou do Sul, Amazônia... nestas regiões ou países com vastos territórios, as distâncias são muito grandes e os meios de transporte por vezes limitados. Às vezes, as Visitadoras levam dois ou três dias para chegar às comunidades.

Este sentimento de falta de proximidade faz-nos por vezes questionarmos sobre o lugar das Conselheiras provinciais. Será que elas são suficientemente reconhecidas? As delegações que lhes são confiadas pelas Visitadoras são suficientes, bem definidas e realizadas?

- ◊ Também pode haver o fato de que as diferentes línguas dentro da mesma Província sejam vistas como uma verdadeira barreira entre as Irmãs. É verdade que podemos nos perguntar como é que uma Visitadora que fala apenas uma língua pode se comunicar com uma Irmã de outra língua? Isto pode causar sofrimento, mal-entendidos e frustrações. Este é um desafio concreto que surge nestas novas Províncias.

Dito isto, cada Assembleia Geral insiste na aprendizagem de línguas, mas na realidade é que concretamente não estamos avançando nisto. O que podemos fazer para progredir nesta questão? Algumas Congregações exigem que os seus membros aprendam uma língua específica, geralmente a dos Fundadores. Outra solução: aprender necessariamente uma língua a partir de uma escolha proposta? Este é um assunto que deve ser levado mais a sério e de maneira mais eficaz.

A COLABORAÇÃO

Desde as origens, a colaboração é uma característica da vida da Companhia. Ela foi e continua sendo, de uma forma diferente, é claro, e está em expansão. Se existe algo de que todas nós somos conscientes é que é inconcebível pensar em trabalhar sozinhas. Todas as Províncias já fizeram esta experiência com associações internacionais e locais, outras Congregações e parcerias. Gostaria de recordar, no âmbito internacional, algumas colaborações existentes, mais ou menos novas, pois, a internacionalidade da Companhia também se realiza através da participação nestas redes.

- DREAM: Desde 2005, mantemos uma parceria com Sant'Egidio em Moçambique (2), na Nigéria (2), nos Camarões, no Congo (RDC), no Quênia e na Tanzânia. Eles constituem no total oito centros que são reconhecidos por suas instâncias nestes países pela sua qualidade na assistência médica e o respeito às pessoas.
- Depaul (Associação a serviço dos sem-teto) começou em Londres, em 1984 e desde então se desenvolveu em vários países. A parceria com as Filhas da Caridade é evidente, pois está fundamentada na paixão comum de ir ao encontro das pessoas sem-teto.
- Família Vicentina: Em janeiro de 2020, um encontro em Roma, reagrupou 250 responsáveis dos diferentes ramos vicentinos. Alguns voltaram para casa fortalecidos, ao descobrirem com surpresa que a Família Vicentina é uma realidade. Em setembro de 2021, uma formação virtual foi proposta para os responsáveis internacionais: "Rezar, sonhar e colaborar no serviço dos pobres".

Todas conhecem a Aliança FAMVIN com os sem-teto (FHA) e o projeto "13 casas" com o qual as Províncias contribuem amplamente, tanto local como em geral. Convido -as visitarem o site da FAMVIN.

- ONU: Recentemente todas receberam a informação sobre as mudanças na equipe que se concretizarão em breve.

A voz das Filhas da Caridade nas comissões em que participam é a da Igreja Serva e é respeitada. No site da Companhia, os seus artigos podem ser considerados não só como informação, mas também como uma formação para todas nós sobre as grandes questões atuais, à luz da doutrina social da Igreja.

- A Igreja institucional: a colaboração da Companhia se concretizou por sua presença:
 - ◊ Na Congregação dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica: certamente, todas devem estar lembradas que, em 2019, Irmã Kathleen tinha sido nomeada membro desta Congregação. Ela não pode assumir como devido, mas, este é um fato a ser recordado que, como Companhia, a Igreja confia em nós. Penso que ela poderia ter contribuído com um olhar diferente, o de uma Sociedade de Vida Apostólica.
 - ◊ No Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral: duas Filhas da Caridade estão presentes. A Irmã Carol KEEHAN, como eu já lhes informei, é membro da Comissão Covid-19 do Vaticano, criada para organizar a distribuição justa de vacinas no mundo, e a Irmã Mary Louise Stubbs, que está muito comprometida no projeto WASH, que visa melhorar o acesso à água e às condições de higiene nos estabelecimentos de saúde católicos em vários países.
- A colaboração com os nossos irmãos e irmãs, os pobres, progrediu, mas precisa ser desenvolvida. Como podemos considerá-los, não só como atores, porém, ainda mais como irmãos e irmãs? A Fratelli tutti dá-nos boas orientações sobre este assunto. Imagino que a Assembleia permitirá aprofundar esta pista.

O IMPACTO DA PANDEMIA DO COVID-19

Vou simplesmente oferecer-lhes alguns pontos de referência (5). Não falarei muito agora porque a nossa Assembleia será marcada por ela e, no domingo à tarde, terão a oportunidade de partilhar de modo informal sobre esta crise que afetou o mundo inteiro e que ainda não terminou.

- No plano humano, na Companhia, 169 Irmãs morreram como resultado do covid-19 em 2020 e, infelizmente, 56 Irmãs morreram entre 1º de janeiro e 31 de agosto de 2021. Podemos considerar que tivemos um quarto a mais de mortes do que a média anual.
- A organização das Províncias foi afetada: pelo fechamento de Comunidades antes do previsto, mas também, a abertura ou revisão de certas obras; pela renovação dos mandatos das Irmãs Serventes, pelas prorrogações que não deveriam ter sido feitas; o adiamento do envio em missão ou da emissão de votos pela primeira; a difícil questão dos salários, especialmente nas escolas, locais de acolhimento...
- A dor de ver que a pobreza se tornou imensa. Face a isto, paira um sentimento de impotência e, ao mesmo tempo, a criatividade multiplicou, tal como a sua coragem. E assim podemos dar muitos exemplos!
- A forma de trabalhar e de viver as relações tornou-se diferente com a imposição dos meios de comunicação. Muitas se viram forçadas a realizar as reuniões do Conselho por videoconferência, as Assembleias Provinciais... há muito o que aprender com estas experiências, tanto para o nosso ser, como para o nosso fazer de Filhas da Caridade.
- O impacto financeiro para a Companhia. A Irmã Teresa SANNO falará mais sobre isto hoje, à tarde.

A descrição da evolução das realidades da Companhia desde 2015 foi um pouco longa, vamos agora abordar o segundo ponto.



Os compromissos missionários nas Províncias

Notamos que todas as Províncias se apoiaram amplamente no Documento interassembleias para levar em consideração algumas prioridades, que há seis anos foram destacadas, de acordo com as reais possibilidades de cada Província.

Graças ao estudo dos Projetos provinciais, dos planos de formação e durante as visitas das Conselheiras gerais, identificamos as prioridades, que a maioria das Províncias colocou em prática. Durante a Assembleia, todas terão a oportunidade de falar sobre o assunto, portanto, vou apenas citar em linhas gerais:

- As periferias: em toda parte, é evidente, pois corresponde, totalmente ao nosso carisma
- Os migrantes, com compromissos concretos nas Províncias (na Itália, Etiópia, Equador, nos EUA, no Brasil...)
- As situações de urgências/equipes móveis/missões interprovinciais: a mobilidade na Companhia é concreta, embora desejamos vivê-la sempre mais! (em Moçambique, na Espanha, na América Latina, na Ucrânia, nas Filipinas...).
- As escravidões modernas. Para este último ponto, apenas um comentário. As escravidões modernas são uma verdadeira preocupação para todas as Filhas da Caridade e algumas Províncias, efetivamente, tomaram iniciativas, porém, estamos bem longe do nosso objetivo expressado no Documento Interassembleias, *“um compromisso concreto que contribua na luta contra as escravidões modernas”* (Doc. Interassembleias). Talvez, seja preciso rever isto.



A formação

As Províncias estão muito conscientes da importância da formação, quer seja inicial ou contínua.

- Os planos de formação são completos, densos, desenvolvidos. Eles se apoiam no Guia de Formação Inicial, contudo, levam em consideração os seus contextos, a situação das jovens que chegam, do número de Irmãs no Seminário, das possibilidades de formação no exterior. A evolução direciona a atenção para “personalizar” ainda mais a formação, colocando em destaque a dimensão humana. Isto é bom e necessário, mas talvez seja preciso equilibrar mais os cursos (dimensão humana, espiritual e vicentina). Isto é simplesmente o que sentimos quando estudamos os seus planos.

- Criação de Seminários interprovinciais: lentamente, eles estão sendo criados porque em certas Províncias o número de Irmãs nos Seminários é insuficiente, pois, é óbvio que as jovens precisam experimentar a vida comunitária, para viver o confronto, enriquecer-se e se conhecerem melhor. Além disso, tal como na reconfiguração de Províncias, isto também permite uma redução do número de Irmãs formadoras e uma maior atenção à competência destas Irmãs.
- Elaboração final do Guia “Preparar-se para os votos”.
- Uma tendência parece ampliar-se, trata-se das formações interprovinciais ou por continente, em particular no que se refere às Irmãs jovens. Certamente, esta é uma porta que deve abrir-se ainda mais. Há uma demanda das jovens neste sentido.
- As Sessões na Casa Mãe ccontinuarão. Infelizmente, devido à pandemia, a sessão em março de 2020, teve que ser interrompida antes do seu final e esta foi a última. Uma experiência inesquecível tanto para as Irmãs presentes como para as Conselheiras encarregadas pela organização desta sessão.
- Há ainda uma questão pendente no Conselho Geral sobre a necessidade ou não de atualizar o Guia de Formação Inicial. Durante esta Assembleia, seria bueno que ustedes hablaran de ello y dieran su opinión.

D **Alguns acontecimentos marcantes**

Em 2017, no aniversário de 400 anos do carisma vicentino celebrado em todas as Províncias e com a participação de muitas Filhas da Caridade no Simpósio em Roma.

Em 2018, retorno das Filhas da Caridade às Ilhas Fidji (Província da Índia do Sul)

Em 2019, um retiro da Província Santa Luísa de Marillac-Asia na Casa Mãe permitiu à várias Irmãs jovens da China vir a Paris.

Naquele mesmo ano, as Filhas da Caridade chegaram na Papua Nova Guiné (Província de Santa Luisa de Marillac-Asia).

Em 2020: o site da Companhia foi renovado com uma nova equipe, composta por Irmãs de seis Províncias (Quase-Província, Bélgica-França-Suíça, Santa Luísa de Marillac-Asia, Moçambique, Varsóvia, Madrid-Santa Luísa). Elas trabalharam muito em vídeoconferência e, finalmente, quase todas puderam se encontrar em julho de 2021 para preparar a comunicação durante a Assembleia geral.

Final de 2020: Chegada das Filhas da Caridade no Senegal (Província España-Sur).

Em 2021: retorno das Filhas da Caridade ao Uzbequistão (Província de Chelmino-Poznan).

Recentemente, a Comissão de Finanças foi parcialmente renovada com a substituição de uma Irmã da Província da Eslovênia por uma Irmã da Província da África Central.

2

Conversões inacabadas

Além dos desafios maiores, principalmente os missionários, e os demais desafios que todas estudaram e que irão aprofundar, vou expressar em palavras, o que chamei de “conversões inacabadas” pois, penso que todas já estão conscientes, que poderiam fortalecer ainda mais a vitalidade da Companhia.

A

A fé e a confiança: fundamentos da nossa fidelidade

A fé não é algo simples de ser vivido em muitos países, e a confiança também não.

No que diz respeito a fé, o Documento Interassembleias destacou a necessidade de revitalizar “*a qualidade da vida espiritual*” ou ainda de “*recorrer incessantemente ao Evangelho*”. O parágrafo sobre “*a familiaridade com o Cristo*” propõem igualmente pistas concretas. É uma questão permanente e estamos convictas de que o perigo é de ouvi-lo sem realmente tirar as consequências suficientes para uma conversão inacabada e, portanto, vital; tanto pessoal quanto no que se refere à Companhia.

Fortaleçamos a nossa vida de fé e isto é tão necessário pois, vivemos em uma sociedade “superficial” que pode fortemente nos influenciar. A nossa vida é fundada na pedra angular que é Cristo, e nada mais. É um apelo a fortalecer a nossa vida interior, para se apoiar nela incessantemente, para permanecer verdadeiramente discípulas de Jesus, missionárias do Evangelho, e para formar as jovens neste sentido, para que possam conhecer a alegria do dom e da fidelidade.

A confiança: de maneira global, a confiança não está necessariamente em crise, mas é posta de lado. As pessoas acreditam que podem viver de forma autônoma, sem depender dos outros. O indivíduo está em primeiro lugar e “confiar nele” é por vezes sentido como um obstáculo à liberdade. Estamos também numa era de dúvidas em que tudo é frequentemente questionado, especialmente quando as autoridades, políticos ou cientistas tomam a palavra (por exemplo, sobre o aquecimento global, pandemias, vacinas, etc.). Não confiamos neles.

A desconfiança torna-se um reflexo que se acrescenta à falta de nuance nos debates e no diálogo, com as consequências do fortalecimento das ideologias e a tentação da reclusão individualista ou identitárias.

Todas estas tendências podem infiltrar-se insidiosamente nas nossas próprias vidas. Isto pode ser expresso em relações mais frágeis, no desânimo, na perda da alegria, mesmo no abandono da vocação, porque a confiança é a base do encontro. A desconfiança permanente de tudo e de todos pode tornar-se um verdadeiro veneno nas nossas vidas pessoais e nas nossas comunidades. Parece-me que estes espinhos devem ser identificados e removidos o mais rápido possível. A confiança, que não é nem ingenuidade nem cegueira, significa acreditar no outro, acreditar no possível. Que testemunho podemos dar neste sentido?

A fé transporta-nos, mas devemos alimentá-la. A confiança dá-nos uma segurança alegre, generosa e gratuita, contudo, devemos construí-la. Cabe a nós encontrar os meios, porque estes são os alicerces da nossa fidelidade.

B Serviço da fraternidade, uma missão para hoje

Cada uma aprofundou o tema do "viver juntas" e nós continuaremos a nossa reflexão durante esta Assembleia. O "viver juntas" tem dois aspectos: o da comunidade e o das relações externas.

As Irmãs entre 7 e 10 anos de vocação insistiram muito sobre a importância das relações comunitárias. Parece que elas são conscientes de serem discípulas missionárias e expressam a necessidade de um apoio comunitário, de um lugar de revigoramento para a missão.

Pela mesma razão, também foi ressaltado em várias ocasiões durante as Assembleias provinciais que a comunidade deve ser este lugar de fé, de fraternidade e de formação. Considera-se que, para além desta dimensão de apoio, o "viver juntas" em comunidade é também um testemunho, o do Evangelho.

Hoje, mais do que nunca, a fraternidade é o que a presença de uma comunidade pode oferecer ao mundo. A privação, sentida devido à pandemia, realçou o que todo o ser humano precisa: relações reais, não virtuais, fiéis, verdadeiras.

A lei pode ou poderia trazer mais igualdade, proteção, saúde e mesmo educação; porém, se a fraternidade pode ser decretada, a lei não pode realmente defini-la, ou pelo menos não inteiramente. Todas sabemos agora que se trata de uma prioridade para um mundo que

conhece a indiferença, o medo, a violência, o desrespeito pela dignidade das pessoas... Caso contrário, como podemos explicar o impacto da *Fratelli tutti*?

Como poderíamos ser cada vez mais uma presença que coloca a humanidade no centro, que considera a qualidade dos vínculos como essencial? Vínculos entre nós, vínculos com os nossos irmãos e irmãs. Como vivê-los mais simplesmente, com amor? Como fazer para que todos os meios que devemos utilizar não se tornem prioridades e ocupam inteiramente nosso espírito em nome da eficiência?

Hoje, talvez, devamos ter o cuidado de deixar mais espaço para o ser humano, dedicar tempo, preencher o tempo com os nossos irmãos e irmãs, cuidar das nossas relações, deixarmos-nos tocar como o Bom Samaritano, saber nos colocar no lugar do outro, zelar pela nossa relação com Cristo, pois Ele é a fonte de tudo o que somos e podemos ser com os nossos irmãos e irmãs.

A fraternidade, vista como uma atitude, uma maneira de ser, poderia assumir uma dimensão missionária plena, uma outra forma de estar presente no mundo.

É uma verdadeira conversão a ser considerada: mudar e mesmo evangelizar a nossa relação com o tempo, com a tecnologia, com o equilíbrio comunidade-missão e a nossa maneira de estar em relação.

El desafío de la esperanza: signo de la resurrección

A vida mudou, a sociedade está mudando. Num contexto de crise, ouvimos constantemente o apelo para fortalecer com generosidade o nosso dom a Deus ao serviço dos nossos irmãos e irmãs. O Espírito inspira-nos a isto. São Vicente e Santa Luísa continuam a inspirar-nos e a ajudar-nos a conservar o frescor e o dinamismo da nossa vocação. “*Se o amor de Deus é o fogo, o zelo é a sua chama...*” (SV XII, 313, 22 de agosto de 1659).

O zelo, a criatividade e a coragem existem nas Províncias. É uma realidade, fonte de esperança para a construção conjunta do futuro. Leiam todos estes testemunhos nos Ecos, no site. Esta é a vida da Companhia.

A força motriz por detrás de tudo isto é a fé, é a esperança. A esperança é um movimento, uma dinâmica que impulsiona para frente, que abre brechas para o possível. É um apelo para acolher a vida tal como ela é, e aceitar comprometer-se com ela. Ela não elimina obstáculos, dificuldades e sofrimentos, mas permite-nos apreender a realidade do jeito que ela é, diferentemente de portas, que estão, inicialmente fechadas. Trata-se de passar do "não

é possível, temos de ser realistas" para "e porque não, e se ousarmos tentar!" A Assembleia é um momento privilegiado para nos apoiarmos naquilo que já se vive e ousar abrir as portas sem medo, porque Deus confia em nós e nós confiamos Nele.

Não se trata, portanto, de uma atitude voluntarista e tensa, mas de um acolhimento flexível às intuições que o Espírito designará para o futuro, com o Senhor, com os nossos irmãos e irmãs que vivem na pobreza.

A Igreja, através do Papa Francisco, convida-nos com veemência. *Laudato si* (2015) depois *Fratelli tutti* (2020), são dois documentos que estremeceram o mundo, o povo de Deus, a Companhia. Nós integramos o princípio “*tudo está interligado*”. Nós ouvimos que era preciso “*ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres*” (*Laudato si*, 49).

A nossa resposta hoje é "Ephata! Abramos as portas da coragem, da simplicidade, da fraternidade para continuarmos a servir cada vez melhor os nossos irmãos e irmãs, para estarmos com eles. A nossa esperança diante dos múltiplos túmulos vazios da nossa sociedade, do sofrimento, do desespero, da solidão e tantos outros, é um sinal de que reencontrar a dignidade é possível. O mundo precisa de testemunhas que abram a porta à esperança.

Vou concluir com o texto de uma voluntária de uma associação para os sem-teto, escrito após um encontro, um encontro gratuito que abre à esperança:

"Ele veio esta manhã e eu perguntei-lhe. Chá, café ou sopa?"

Ele olhou para mim e eu olhei para ele. A sua mão mostrava a sua miséria e ele pegou o pão.

Um pouco mais distante, na rua, eu o vi e ele me reconheceu.

Ele olhou para mim e eu olhei para ele. Não tínhamos mais palavras. Os nossos cotovelos se tocaram.

Ele estava lá, na rua tremendo de frio. Ele olhou para mim e eu olhei para ele.

E nesse único olhar podíamos falar. Em cada um dos nossos corações reinava o calor.

Cristo ressuscitou! Sim, Ele realmente ressuscitou!

Sim, certamente todos os nossos "Ephatas" nos abrem ao encontro, aos encontros quotidianos. São boas notícias para nós, para os outros, porque somos da mesma humanidade orientada para a esperança. Acreditemos nesta boa notícia!